

## CAUSAS RELIGIOSAS DA REFORMA PROTESTANTE

Religious Causes of Protestant Reformation

Eber da Cunha Mendes\*

### RESUMO

O artigo procura analisar uma das causas do movimento de Reforma<sup>1</sup> Protestante<sup>2</sup> no Séc. XVI. Parte-se do pressuposto que a Reforma teve muitas causas, sendo a religiosa uma das mais principais. As historiografias católicas e protestantes divergem no assunto. O artigo é uma revisão bibliográfica que se atém às causas religiosas que deram contorno ao movimento de Reforma no Séc. XVI.

### PALAVRAS-CHAVES

Reforma Protestante. Causas Religiosas. Historiografia.

### Introdução

Compreender o momento histórico, sua evolução e seus desdobramentos, é fundamental para entender as reflexões de um pensador. Sendo João Calvino um dos principais expoentes do pensamento reformado, o levantamento destes fatores terá como eixo central a Reforma<sup>3</sup> Protestante<sup>4</sup>.

---

\* Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Filosofia pela Faculdade João Calvino (FJC) e Licenciado em História pela FABRA. Coordenador da graduação em teologia da FABRA.

<sup>1</sup> Inicialmente, até cerca de 1525, pode-se considerar que a Reforma gira em torno de Martinho Lutero e da Universidade de Wittenberg, na atual região nordeste da Alemanha. Entretanto, no início da década de 1520, o movimento também ganhou força, a princípio de maneira independente, na cidade suíça de Zurique. A Reforma de Zurique, por meio de uma série de complexos desdobramentos, passou por diversas modificações de ordem política e teológica, vindo, no futuro, a ser associada principalmente à cidade de Genebra e à figura de João Calvino. (McGRATH, Alister E. Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica. São Paulo: Shedd, 2005, p. 95). Em sentido lato, o termo "Reforma" é usado em relação a 4 movimentos: O "Luteranismo"; a "Igreja Reformada", que normalmente recebe a designação de "Calvinismo"; a "Reforma Radical", também conhecida como "Anabatismo" e a "Contra-Reforma", ou reforma católica. Em sentido mais estrito, exclui-se a "Reforma católica". Em muitos trabalhos acadêmicos, o termo "Reforma" é usado em relação aquilo que se conhece como "Reforma magisterial" ou a "Reforma principal", ou seja, aquela ligada às igrejas luterana e reformada, excetuando-se os anabatistas (ibidem, p. 96).

<sup>2</sup> O termo "protestante" surgiu em consequência da dieta de Speyer (1529), que votou pelo fim à tolerância ao movimento luterano na Alemanha. Em abril do mesmo ano, seis príncipes alemães e quatorze cidades protestaram contra essa medida repressora e em defesa da liberdade de consciência e dos direitos das minorias religiosas. Portanto, não é estritamente correto usar este termo "protestante" antes de Abril de 1529, pois representa um anacronismo (McGRATH, 2005, 97).

<sup>3</sup> Inicialmente, até cerca de 1525, pode-se considerar que a Reforma gira em torno de Martinho Lutero e da Universidade de Wittenberg, na atual região nordeste da Alemanha. Entretanto, no início da década de 1520, o movimento também ganhou força, a princípio de maneira independente, na cidade suíça de Zurique. A Reforma de Zurique, por meio de uma série de complexos desdobramentos, passou por diversas modificações de ordem política e teológica, vindo, no futu-

## 1 A QUESTÃO HISTORIOGRÁFICA

É claro que de acordo com os pressupostos históricos que o historiador vier aplicar na interpretação da Reforma, isto irá determinar a sua causa. Assim, temos várias correntes e escolas pelas quais os historiadores farão sua análise crítica da reforma de maneira puramente racionalista secular, tais como aquelas que só vêm em as causas da reforma nos fatores político-sociais, outras nos fatores da economia e outras ainda que vêm a Reforma puramente como produto do intelectualismo. Entretanto, uma cosmovisão puramente racionalista tende a distorcer a definição e dar razões incompletas e deficientes à verdadeira origem da reforma.

Cairns<sup>5</sup> discute a idéia de que a interpretação que os historiadores dão à história influencia a sua explicação das causas da Reforma, de forma que a ênfase sobre um ou outro fator histórico depende da escola de interpretação a que estão ligados (1988, p.225).

Assim, os historiadores protestantes interpretam a Reforma como um movimento religioso que procurou redescobrir a pureza do cristianismo primitivo conforme descrito no Novo Testamento (CAIRNS, 1988, p.225). O problema é que esta interpretação ignora os fatores econômicos, políticos e intelectuais que ajudaram a promover a Reforma. Tal interpretação entrega à providência divina a razão dos acontecimentos.

Já os historiadores católicos romanos interpretam a Reforma como uma heresia inspirada por Martinho Lutero. Vê-se o protestantismo como um herético cisma que destruiu a unidade da Santa Fé. Assim, Lutero foi um herege e um cismático (CAIRNS, 1988, p.225).

---

ro, a ser associada principalmente à cidade de Genebra e à figura de João Calvino. (McGRATH, Alister E. Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica. São Paulo: Shedd, 2005, p. 95). Em sentido *lato*, o termo "Reforma" é usado em relação a 4 movimentos: O "Luteranismo"; a "Igreja Reformada", que normalmente recebe a designação de "Calvinismo"; a "Reforma Radical", também conhecida como "Anabatismo" e a "Contra-Reforma", ou reforma católica. Em sentido mais estrito, exclui-se a "Reforma católica". Em muitos trabalhos acadêmicos, o termo "Reforma" é usado em relação aquilo que se conhece como "Reforma magisterial" ou a "Reforma principal", ou seja, aquela ligada às igrejas luterana e reformada, excetuando-se os anabatistas (ibidem, p. 96).

<sup>4</sup> O termo "protestante" surgiu em consequência da dieta de Speyer (1529), que votou pelo fim à tolerância ao movimento luterano na Alemanha. Em abril do mesmo ano, seis príncipes alemães e quatorze cidades protestaram contra essa medida repressora e em defesa da liberdade de consciência e dos direitos das minorias religiosas. Portanto, não é estritamente correto usar este termo "protestante" antes de Abril de 1529, pois representa um anacronismo (McGRATH, 2005, 97).

<sup>5</sup> CAIRNS. O Cristianismo através dos Séculos. Uma História da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1988.

Outra forma de interpretar as causas da Reforma é a dos historiadores não religiosos. Estes dão mais atenção aos fatores secundários, sendo, portanto, mais racionalistas. Este olhar hermenêutico interpreta a Reforma como a consequência de uma briga de monges da Saxônia, e a Reforma religiosa na Inglaterra foi uma consequência de um caso de amor de Henrique VII.<sup>6</sup> Este olhar ignora fatores essenciais tais como o religioso, ou relegando-os a planos secundários (CAIRNS, 1988, p.225).

Para os historiadores que aceitam o conceito marxista de determinismo econômico, a Reforma não pode ser interpretada senão em termos econômicos. Ela foi o resultado da tentativa do papado romano de explorar economicamente a Alemanha para lucro próprio (CAIRNS, 1988, p.225).

Por outro lado, os historiadores políticos vêem a Reforma como o resultado da oposição de nações-estado a uma Igreja que se tornara internacional, sendo pois, a Reforma, um simples episódio político de origem nacionalista (CAIRNS, 1988, p.225).

Comparato (2006, p.168,183)<sup>7</sup> afirma que a Reforma Protestante foi, incontestavelmente, a primeira revolução social do mundo moderno. Em primeiro lugar, evidentemente no campo religioso. A revolução protestante consistiu em romper, de um só golpe, com toda tradição, valores e princípios da Cristandade medieval, contribuindo de modo direto ou indireto, para a transformação da sociedade europeia, não só no campo religioso, como também nas esferas políticas e econômicas, e como toda autentica revolução, a Reforma Protestante foi um fator de profunda divisão e contenda social, já que nos anos posteriores, quase toda Europa foi incendiada por rebeliões e guerras civis entre grupos de católicos e protestantes.

---

<sup>6</sup> (1457-1509). Foi o primeiro rei da Inglaterra da casa de Tudor, reinando entre 1485 e 1509. Do ponto de vista diplomático, Henrique procurou restaurar as relações com França, e Escócia. Com a Espanha dos Reis Católicos, Henrique negociou o casamento de Catarina de Aragão com o seu herdeiro. Depois da morte deste, Catarina tornou-se na mulher do seu segundo filho Henrique, então Duque de York. Esta união, em particular o divórcio com que terminou, iria trazer consequências dramáticas para a história da Europa. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique\\_VII\\_de\\_Ingllaterra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_VII_de_Ingllaterra)>. Acessado em 08 de Junho de 2007.

<sup>7</sup> COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: Direito, Moral e Religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Na visão de Biéler<sup>8</sup>, a Reforma, de começo, foi um movimento essencialmente religioso. Sendo assim, em sua visão, as causas essenciais da Reforma não são nem sociais, nem políticas, nem mesmo eclesiásticas, mas, de fato, religiosas.

Embora em todas estas interpretações haja elementos de verdade incontestáveis, há de se notar que as ênfases, em geral, recaem sobre causas secundárias e, quase sempre, apenas sobre uma causa secundária particular. A Reforma não tem causas simples e pontuais, porque suas causas são diversas e complexas. Portanto, a interpretação adotada neste trabalho, dá à religião o lugar de primazia, não ignorando os fatores políticos, econômicos, morais e intelectuais.

Na verdade, a reforma protestante foi o cumprimento de um clamor por mudança religiosa, como afirmou Morineau<sup>9</sup> ao dizer que ela foi uma revolução religiosa, um despertar. O filósofo católico Battista Mondim disse que “a Reforma protestante foi um acontecimento religioso, mas causou ao mesmo tempo profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais”<sup>10</sup>. Em outro lugar reafirma que a Reforma protestante foi antes e acima de tudo um acontecimento religioso. Por causa disso, ela deve ser estudada e julgada segundo critérios religiosos, mais precisamente, segundo o critério da fé cristã<sup>11</sup>.

Ora, se analisarmos o assunto somente sob a ótica religiosa, ignorando a corroboração de todos os fatores seculares e o impacto que tiveram sobre o movimento reformista, isto se tornaria tão errado quanto analisar a reforma sem levar em conta a sua principal causa, qual seja, a religiosa.

## 2 AS CAUSAS DA REFORMA

Sendo um acontecimento essencialmente religioso, a Reforma causou ao mesmo tempo profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais.

---

<sup>8</sup> BIELER, André. O Pensamento econômico e social de Calvino. São Paulo: CEP, 1990.

<sup>9</sup> MORINEAU, Michel. O século XVI – 1492-1610. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980.

<sup>10</sup> MONDIN, Battista. Curso de Filosofia. São Paulo: Paulinas, 1981, vol II, p.27.

<sup>11</sup> MONDIN, 1981, p. 41

## 2.1 Os Fatores Religiosos

“Nos fins da idade média pesava na alma do povo uma tenebrosa melancolia”<sup>12</sup>, sendo, portanto, os séculos anteriores à Reforma descritos como período de grande ansiedade<sup>13</sup> e medo<sup>14</sup>.

Reconhece Smith que a Reforma foi inevitável, tanto por razões políticas como doutrinárias. Sendo então, a Reforma Protestante um movimento eminentemente religioso e teológico<sup>15</sup>.

Conforme os estudos de Bieler, “as causas essenciais da Reforma não são nem sociais, nem políticas, nem mesmo eclesiásticas, mas, de fato, religiosas”. Ainda que a Igreja Católica e o papado ofereceram ao mundo razões de sobra para insatisfação, no fundo do coração e no pensamento do povo havia uma profunda necessidade espiritual e sede da verdade aliada à piedade (1990, p.42). Bérenger<sup>16</sup> considera as necessidades espirituais dos fiéis<sup>17</sup> como um dos quatro movimentos que contribuíram para criar um público receptivo à mensagem luterana.

Começamos, portanto, analisando a trajetória da Igreja Católica Romana nos dois séculos anteriores à Reforma, pontuando aquilo que a caracterizava.

### 2.1.1 A Igreja Católica Romana

Aponta Perry<sup>18</sup> que o principal sinal de decadência da civilização medieval foi o enfraquecimento da autoridade e do prestígio do papado. Na alta Idade Média, o papado, que fora a instituição dominante da cristandade, começou na Baixa Idade a desintegrar seu poder (1999, p.203).

---

<sup>12</sup> Constata o holandês Huizinga (1872-1945). HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. São Paulo: Verbo/EDUSP, 1978, p.31)

<sup>13</sup> TILLICH, Paul. *A História Do Pensamento Cristão*. São Paulo: Aste, 2000, p.210.

<sup>14</sup> DELUMEAU, Jean Delumeau. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*, 2ª reimpressão, São Paulo, Companhia das Letras, 1993).

<sup>15</sup> MARTIN, Seymour. *Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade. A História do pensamento dos tempos antigos à atualidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Difel, 2002, p.245. Concordo com a idéia de Tom Nettles, de que “*tentativas de Reforma através de dimensões morais, espirituais e eclesiológicas, ignorando a teológica, sempre falharam*”. NETLLES, Tom. *Um Caminho Melhor: Crescimento da Igreja através de reavivamento e reforma*. In: HORTON, Michel (ed). *Religião de Poder*. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 1998, p.134.

<sup>16</sup> BÉRENGER, Jean. *A Europa de 1492 a 1661*. In: BÉRENGER, Jean; CONTAMINE, Philippe; DURAND, Yves e RAPP, Francis. *A Europa desde o início do século XVI ao final do século XVIII*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

<sup>17</sup> Este movimento é o que se pode chamar de *devotio moderna*, ou seja, a exigência e anseio dos cristãos ao final da Idade Média por uma religião mais pessoal, com menos formalidades e rituais. Trataremos mais à frente sobre este movimento e sua influência nos reformadores.

<sup>18</sup> PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental. Uma História Concisa*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Ao longo do século XIV, a Igreja católica enfrentou humilhações políticas e decadência moral. O rei Filipe IV (1268-1314)<sup>19</sup> trabalhou pela eleição de um francês para assumir o papado e convenceu-o a mudar a Santa Sé para Avignon. Por cerca de 68 anos os papas ficaram presos às peias da França, de forma que, as outras nações rapidamente lhe diminuíram obediência e tributos (DURANT, 1957, p.6).

Tal subserviência dos papas à França foi fator que lhes minaram a autoridade e prestígio (DURANT, 1957, p.7). O governo inglês, indignado contra os empréstimos que os papas fizeram aos reis da França durante a Guerra dos Cem anos, tolerou os ataques de Wycliff<sup>20</sup> ao papado. Na Alemanha repeliu-se a interferência dos papas na eleição de reis e imperadores. Desta forma, a fé católica estava seriamente ameaçada. Em 1377 o papa Gregório XI<sup>21</sup> retorna o papado para Roma (DURANT, 1957, p.7), acabando assim com o Cativo da Babilônia<sup>22</sup>. Mas o papado teria de enfrentar uma humilhação ainda maior: O Grande Cisma<sup>23</sup> (PERRY, 1999, p.204).

Com a morte de Gregório XI (1378), o conclave de cardeais, de maioria francesa, elege um italiano para papa, Urbano VI<sup>24</sup>. Como Urbano VI se mostrou

---

<sup>19</sup> Conhecido como *O Belo (Philippe IV le Bel*, em francês. Foi rei da França de 1285 até sua morte. Na política internacional, foi durante o seu reinado que se iniciaram os conflitos que provocaram a Guerra dos Cem Anos. Voltou-se contra a Flandres e a Inglaterra. Aconselhado por seus juristas, adotou, primeiro, uma política de independência em relação à Santa Sé. Durante o seu governo, aconteceu o Cisma do Ocidente, com a transferência para Avignon da residência do Papa, procurando colocar o Papado sob a dependência da França. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe\\_IV\\_de\\_Fran%C3%A7a](http://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe_IV_de_Fran%C3%A7a). Acessado em 08/06/2007.

<sup>20</sup> (1320-1384).

<sup>21</sup> (1329-1331). Foi eleito papa em 30 de dezembro de 1370, pontificando até a sua morte. Após sua morte iniciou-se o *Grande Cisma* do Ocidente.

<sup>22</sup> (1309 a 1377) Período em que os papas foram todos franceses e se fixaram em Avignon. Durante este tempo o papa foi forçado a adotar políticas favoráveis à França, já que perdera apoio da Itália (PERRY, 1999, p.204). Ver DURANT, ?, p.6ss e também CAIRNS, 1988, p.201.

<sup>23</sup> A expressão *Grande Cisma* pode referir-se a dois momentos de grande cisão dentro do Cristianismo: O Grande Cisma do Oriente (1054) que se refere a excomunhão mútua entre o Papa e o Patriarca de Constantinopla, donde resultou a separação definitiva das Igreja Católica e Ortodoxa; O Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), período durante o qual a Igreja Católica se cindiu em duas facções, uma fiel ao Papa de Roma, outra ao de Avignon. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande\\_Cisma](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Cisma). Acessado em 12/06/2007.

<sup>24</sup> (1318-1389). A sua eleição foi rodeada de polêmica e resultou no Grande Cisma do Ocidente. A parte inicial da sua carreira eclesiástica foi feita ao serviço dos Papas de Avignon, onde desenvolveu uma reputação de homem moderado. Em 8 de abril de 1378 foi eleito Papa por pressão da população de Roma que queria ver um italiano no pontificado para assegurar a permanência do papado na cidade. Com a subida na hierarquia, Urbano VI revelou uma personalidade colérica e intempestiva que depressa lhe arranhou inimigos. Os cardeais da Igreja, e em especial os de origem francesa, revoltaram-se contra Urbano VI e começaram a conspirar a sua substituição. No fim do verão do mesmo ano, reuniram novo conclave e e elegeram Roberto de Genebra, que tomou o nome de Clemente VII. Urbano VI excomungou Clemente e declarou-o

violento e quis reformas incompatíveis com a hierarquia católica, os cardeais declararam inválida sua eleição, proclamando Roberto de Genebra<sup>25</sup> como papa. Roberto assume as funções em Avignon, enquanto Urbano continuava como pontífice em Roma. Desta forma, o Cisma Papal (1378-1417) está estabelecido. A igreja dividida tornou-se a arma e a vítima dos inimigos. Enquanto o cristianismo se digladiava, trocando insultos e ofensas, o Islamismo em expansão dele escarnejava (Durant, 1957, p.8).

Após várias sucessões, o papado continuou dividido<sup>26</sup>. A Europa contemplou os papas se condenando mutuamente. Não havia uma autoridade acima deles que pudesse tomar decisões, e os países seguiam aquele que mais satisfazia seus interesses políticos. Escândalo e tristeza tomaram conta da Europa, pois sentimento de que a Igreja deveria ser visivelmente uma só foi ultrajado<sup>27</sup>.

Muitos foram os homens de destaque na Igreja que insistiram na convocação de um concílio geral para pôr fim ao infeliz cisma que impedia o papado de desempenhar seus deveres sagrados. Na primeira metade do século XV, os concílios da Igreja reuniram-se em Pisa (1409), Constança (1414-1418) e Basileia (1431-1449) para pôr fim ao cisma, combater a heresia e reformar a Igreja. O movimento conciliar procurou transformar a monarquia pontifical num sistema constitucional, no qual o poder do papa seria regulado por um concílio geral. No entanto, muitos alegavam que era impossível<sup>28</sup> reformar a Igreja fora de um concílio representativo do clero (PERRY, 1999, p.205).

---

o novo anticristo, mas nada pode fazer contra o seu estabelecimento em Avignon. A sua impopularidade não ajudou a sua causa e em breve algumas potências europeias passaram para o lado de Clemente. Urbano VI morreu em 1389, após cair da sua mula numa procissão, sem que o cisma fosse resolvido. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa\\_Urbano\\_VI](http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Urbano_VI). Acessado em 10 de Junho de 2007

<sup>25</sup> (1342-1394), foi um antipapa sediado em Avignon no Grande Cisma do Ocidente.

<sup>26</sup> "Em 1409 a cristandade chegou a ter três papas na liderança. Na luta que se seguiu, cada um dos três papas abdicou ou foi deposto em favor de uma eleição pelo concílio. Em 1417, acabou o Grande Cisma" (PERRY, 1999, p.205).

<sup>27</sup> WALKER, W. História da Igreja Cristã. Vol I e II. São Paulo: Aste, 1980, p.371.

<sup>28</sup> "O cisma papal era o escândalo da cristandade; dar-lhe um fim, porém, não era fácil. A lógica da época medieval era de que não existia sobre a terra poder perante o qual o papado fosse responsabilizado" (WALKER, W. 1980, 381).

Até que em 17 de novembro de 1417, uma comissão eleitoral escolheu o cardeal Ottone Colonna<sup>29</sup> como Papa Martinho.V. Ele foi reconhecido por toda cristandade, terminando, enfim, o Cisma Papal (DURANT, 1957, p.9).

A partir daí o papado viverá um tempo de triunfo até 1513. Aquela que sobrevivera por um século sem reforma, dificilmente conseguiria sobreviver a uma semana sem dinheiro. O papado era uma potência religiosa e política e, grande parte da vida econômica girava em torno das igrejas paroquiais. Isto ocasionava uma insatisfação por parte das autoridades civis, devido à ingerência do papa em seus negócios. Os papas se tornaram mais homens de negócios e raramente homens santos. Em 1439, o Cisma Papal renascera (DURANT, 1957, p.10).

Após muitas discussões no Concílio de Basiléia<sup>30</sup> chegou-se a um acordo que reconhecia a autoridade do pontífice romano sobre toda a cristandade, reconhecendo Eugenio VI<sup>31</sup>. Isto ajudou a restaurar o prestígio do papado e a por fim ao novo Cisma e ao Concílio de Basiléia (Durant, 1957, p.10). Ainda assim, segundo as palavras de Bérenger, “O poder pontifício saiu terrivelmente diminuído do cisma e da crise por ele aberta” (1996, p.201).

A despeito disto, o papado entrou posteriormente em sua era de esplendor, riqueza e exaltação. Ganhou admiração dos humanistas por destinar parte de suas rendas ao ensino e às artes (DURANT, 1957, p.11). No entanto, a corrupção política, econômica e moral generalizava-se na Igreja e no clero, contribuindo para um sentimento anti-clerical<sup>32</sup>. O nepotismo se tornou um instrumento de governo que até os pontífices mais íntegros dificilmente poderiam dispensar (BERENGER, 1996 p.204).

---

<sup>29</sup> (1368-1431). Exerceu o pontificado entre 1417 e 1431. Foi o papa com o qual terminou o longo cisma do Ocidente da Igreja. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa\\_Martinho\\_V](http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Martinho_V). Acessado em 12 de junho de 2007).

<sup>30</sup> O Concílio de Basileia iniciou-se em Basiléia, Suíça, decorreu entre 1431 e 1445. Tratou-se da união com as Igrejas orientais e do reconhecimento no romano pontífice de poderes sobre a Igreja Universal. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio\\_de\\_Basil%C3%A9ia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_de_Basil%C3%A9ia). Acessado em 12/06/2007).

<sup>31</sup> (1383-1447. Homem severo e de índole "feroz como um tigre", era temido pela sua ampla correção e pela "justa palavra". Morreu vítima de envenenamento. Decretou a reunificação com a Igreja Oriental. Proclamou o 17º Concílio Ecumênico em Basiléia. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa\\_Eug%C3%AAnio\\_IV](http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Eug%C3%AAnio_IV). Acessado em 13/06/2006).

<sup>32</sup> McGRATH, Alistar. *The Intellectual Origins of The European Reformation*. Cambridge: Massachusetts, Blackwell Publishers, 1993, p.55-56.



Alguns papas<sup>33</sup> e cardeais<sup>34</sup> lutaram por uma reforma da Cúria e dos mosteiros. Comissões foram estabelecidas com o propósito de estudar as deficiências da igreja. Porém, os erros da corte papal<sup>35</sup> cresciam à medida que o século XV chegava ao fim. A Europa ficou chocada ao ver o papado não somente secularizado como também militarizado.

O papa Júlio II<sup>36</sup> iniciou a construção da nova basílica de São Pedro, sendo, portanto, o primeiro a vender indulgências para os que estivessem dispostos a pagar. Foi durante seu pontificado que Lutero foi à Roma e viu aquilo que pessoalmente ele chamou de “poço de iniquidade” (DURANT, 1957, p.12).

A despeito deste quadro, há de se mencionar as virtudes que tiveram os papas da Renascença: Drenaram pântanos, calçaram ruas, restauraram pontes e estradas, melhoraram o abastecimento de água, fundaram a Biblioteca do Vaticano, aumentaram hospitais, espalharam caridade, construíram e restauraram igrejas, reorganizaram a Universidade de Roma, apoiaram os humanistas na ressurreição da literatura, filosofia e artes, empregaram pintores, escultores e arquitetos. Desta forma, esbanjaram milhões ao mesmo tempo em que empregaram milhões construtivamente. Explica Durant, que eles foram movidos pelo esbanjamento do reis no gasto com suas cidades e esplendor de seus reinos, tentando transformar a riqueza que ia desaparecendo em esplendor duradouro para o povo e seu Deus . Assim elevaram o papado do desprezo e despojamento à uma imponente majestade de poder (DURANT, 1957, p.12).

Enquanto a Igreja crescia em grandeza e autoridade, a Europa estava passando por transformações econômicas, políticas e intelectuais que minaram lentamente a estrutura do cristianismo latino (DURANT,1957,p.12). Tais transformações serão abordadas a seu tempo nesta pesquisa, mas o que vale aqui pontuar é que, por toda cristandade latina, os homens clamavam por uma reforma da Igreja da cabeça aos pés, anelando que a reforma pudesse ser empreendida pelos leais filhos da Igreja (DURANT, 1957, p.21). Por muitas vezes a Igreja tentou expurgar

---

<sup>33</sup> Como Nicolau V (1397-1455), Pio II (1405-1464)

<sup>34</sup> Por exemplo Giuliano Cesarini (1398-1444) e Nicolau de Cusa (1401-1464)

<sup>35</sup> O papa Paulo II (1418-1471) usava uma tiara papal que valia mais do que um palácio. Sisto IV (1471-1484) fez do sobrinho um milionário, financiou suas guerras vendendo os cargos da Igreja para os compradores que mais lhe pagassem. Inocêncio VIII (1432-1498) celebrou no Vaticano os casamentos de seus filhos. Ver: DURANT, 1957, p.11.

<sup>36</sup> (1443-1513).

seus males e adotar uma ética superior à moralidade laica dos tempos. Os mosteiros tentaram muitas vezes restaurar seus regulamentos austeros. Os concílios tentaram reformar a Igreja, e foram derrotados pelos papas, e estes, por sua vez, foram derrotados pelos cardeais e pela burocracia da Cúria. As crises conciliares revelaram o nível de devastação do organismo religioso. As tentativas de reforma não tiveram lugar. Razão porque o papado acabou por comprometendo seu futuro, abrindo brechas às críticas das quais os reis foram os maiores agentes (BÉRENGER, 1984, p. 206).

Houve tentativas de reformas locais, mas que ficaram relegadas à transitoriedade.

Os êxitos das pequenas reformas e emendas dentro da Igreja foram passageiros e não se completaram. Seus fracassos foram esmagadores e sucessivos (BÉRENGER, 1984, p.218). Para Cairns, o insucesso na garantia de reformas efetivas lançou por terra a última oportunidade de reforma interna da Igreja através da obra dos místicos, dos reformadores ou dos concílios. A partir de então, a Reforma Protestante se tornou inevitável (1988, 210).

A Igreja cada vez mais era denunciada nos púlpitos, na literatura, na memória e no ressentimento dos homens. “A sociedade clerical, na véspera da Reforma, sofria de um mal-estar que não era capaz de remediar” (BÉRENGER, 1984, p.218).

Brilhantemente Perry afirmou que “ A corrupção da Igreja – tais como venda de indulgências (...), o nepotismo e a busca de riqueza pessoal por parte dos bispos e a concupiscência do clero não era novidade. Nova e surpreendente era a disposição dos cristãos, letrados ou não, de condenar publicamente tais práticas” (1999, p.231). Até que tudo explodiu, e a Europa foi varrida por uma revolução religiosa mais conseqüente e profunda do que todas as transformações políticas dos tempos modernos (DURANT, 1957, p.21). –.

A Reforma destruiu para sempre o ideal católico de se ter uma comunidade cristã mundial, unificada e guiada por um só líder, o papa. (PERRY, 1999, p.205). “E a unidade do mundo cristão fragmentou-se com a ascensão do protestantismo” (PERRY, 1999, p.216). Afirma Olson que a Reforma revolucionou a cristandade ocidental, de forma que a partir de 1520, nenhuma igreja conseguiu unificar a so-

cidade ocidental e, nesse sentido, a cristandade morreu, acabando a síntese medieval da igreja única, cuja matriz era Roma. A partir daí introduziu-se na religião cristã, a era do denominacionalismo<sup>37</sup> (2001, 382).

### 2.1.2 A *Devotio Moderna*

Diz-se *devotio moderna* (devoção moderna), a Escola de pensamento que surgiu nos Países Baixos, no século XIV, ligadas às figuras de Geert Groote (1340-1384) e Thomas Kempis (1380-1471) e os *irmãos da vida comum*<sup>38</sup>. O movimento que tivera suas raízes na Itália, na burguesia das grandes cidades mercantis, desenvolveu-se a seguir na Flandres e na Holanda” (BÉRANGER, p.252). *Imitação de Cristo*<sup>39</sup> é a obra mais célebre desta escola (McGRATH, 2005, p.652).

Ela enfatizou a imitação da humanidade de Cristo. Nas palavras de Olson<sup>40</sup>, ela centralizava-se nos aspectos práticos da espiritualidade cristã, como a oração, a meditação, o exemplo de Cristo e o estudo das Escrituras (2001, p.370).

É *devotio* por buscar uma verdadeira piedade, mais vívida que intelectualizada. É *moderna*, porém cristocêntrica, se interessando especialmente pela vida histórica de Jesus, pela meditação nos mistérios da humanidade de Cristo, meio para contemplação. Possui uma tendência prática e ascética. O movimento não era monástico no seu sentido pleno, ainda que tivesse muita de suas características. Perde profundidade intelectual, porém ganha adeptos universalizando a piedade. Propõe passos na oração: *lectio, meditatio, oratio, contemplatio* (leitura, meditação, oração e contemplação). Ainda que a *devotio moderna* era controvertida, se encontrava plenamente dentro da Igreja Católica. Seus adeptos não advogavam

---

<sup>37</sup> “Paulatinamente no decurso de décadas e séculos, a cristandade ocidental dividiu-se em grupos dissidentes à medida que o protestantismo adotava formas cada vez mais novas”. OLSON, 2001, 382.

<sup>38</sup> Uma sociedade religiosa na Holanda que existiu entre os séculos XVI e o início do século XVII. Desenvolveu-se a partir de reuniões regulares em Deventer. Os membros não faziam votos, não se filiavam a ordem religiosa alguma, mas procuravam viver na presença de Deus, preparando-se para a vida eterna. DOUGLAS, J.D. Irmãos da Vida Comum. In: Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, vol II. Ed. Elwell, Walter A. Sao Paulo: Vida Nova, 1990, p.347.

<sup>39</sup> Livro atribuído a Thomas Kempis contribuiu mais que qualquer outro livro para aumentar a duradoura reputação dos *Irmãos da Vida Comum*. Thomas entrou para um mosteiro agostiniano, sendo ordenado ali. Ele foi o autor ou o compilador e editor da obra. A obra reflete a importância dada pelos irmãos a práticas morais (CAIRNS, 1988, p.204).

<sup>40</sup> OLSON, Roger. História da Teologia Cristã. 2000 anos de Tradição e Reformas. São Paulo: Vida, 2001.

uma ruptura radical com a Igreja, embora seu ensino, em muitos aspectos, andassem na direção reformada. Seu valor permanente está na literatura que produziu e na sua influência direta ou indireta sobre os anabatistas e outros reformadores<sup>41</sup>.

Foi esta busca por uma comunicação mais imediata e pessoal com Deus que atraiu e inspirou a muitos. O alvo era a busca de uma renovação espiritual da Igreja. No entanto, sempre foi visto com maus olhos pela Igreja, pois temiam que as pessoas não precisassem mais da Igreja e de seus rituais a partir do momento em que desenvolvessem uma comunicação direta com Deus (PERRY, 1999, pp.231,232.ss).

Este movimento foi classificado como místico, pois enfatizavam o aspecto subjetivo do relacionamento do homem com Deus. Na verdade, se tornou também um protesto e uma reação contra os tempos atribulados e contra uma igreja que estava corrompida e decadente. Muitas tragédias, tais como a Peste Negra (1348-1349) que dizimou cerca de um terço da população da Europa, a Revolta dos Camponeses (1381), o Cativoiro Babilônico e o Grande Cisma, levaram o povo a questionar a liderança espiritual a que estavam submetidos, e desejar um contato mais pessoal e direto com Deus (CAIRNS, 1988, p.202).

Este foi, na opinião de Béranger, o primeiro movimento a se considerado como primordial para o êxito da Reforma. A *Devotio Moderna*, através dos *Irmãos da Vida*, em Erfurt, exerceu evidentes influências na vida de Lutero, pois, de algum modo, remodelaram sua sensibilidade religiosa (1996, p.251ss).

Dois elementos se juntaram para compor a Reforma: A exigência espiritual de milhões de almas angustiadas que se opunham ao ritualismo e a doutrina da justificação pela fé. Toda a teologia de Lutero baseou-se no livro de Romanos, com a máxima bíblica “*sola fide*” – *somente a fé*-. A partir dela, crer é necessário e suficiente para ser salvo, e não as obras. Tal teologia correspondia ao anseio e necessidade dos fiéis<sup>42</sup>. Como se tem visto na literatura, é lógico que existiam outras questões importantes que dividiam os protestantes e a Igreja Católica Romana, e muitas delas eram de natureza teológica. No entanto, nenhuma outra questão chamou provocou tanta turbulência quanto a doutrina da salvação, cha-

---

<sup>41</sup> *Devotio Moderna*. In: Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, vol I. Ed. Elwell, Walter A. Sao Paulo: Vida Nova, 1990, p.452.

<sup>42</sup> BERANGER, op.cit. p. 25

mada de *soteriologia*, onde o ser humano pode ser salvo com base na justiça de Deus que é pela fé, e não a partir da justiça das boas obras (Olson, 2001, p.383).

De certa forma, ao movimento pode se creditado o título de antecipador<sup>43</sup> do toque mais pessoal da religião, o que foi característica fundamental da Reforma. Ele decorreu de uma reação contra o ritual sacerdotal formal e mecânico e contra o escolasticismo árido da Igreja de seu tempo (CAIRNS, 1988, 204). O próprio Erasmo<sup>44</sup> (c.1466-1536) recebeu influências diretas da *devotio moderna*. Estudou em escola dirigida pela ordem mística de cristãos leigos, os *Irmãos da vida comum* (OLSON, 2001, p.370. Ele uniu a devoção mística à rigorosa pedagogia humanista, viajando toda a Europa como educador e estudioso da Bíblia (PERRY, 1999, p.228).

### 2.1.3 Os Pré-reformadores

Como o propósito deste capítulo é uma contextualização da Reforma Protestante, com vistas ao pensamento político de João Calvino, não nos deteremos em pormenores biográficos dos pré-reformadores. A proposta é dar somente uma idéia geral da vida e obra de cada personagem, atendo-se à sua contribuição para o movimento de Reforma. Ainda que seja conhecida a presença de outros grupos<sup>45</sup> ansiosos por reformarem a Igreja, neste trabalho foram escolhidos para menção, dentre os muitos nomes, três principais vultos religiosos da pré-Reforma: João Wycliffe (c.1330-1384), John Huss (1373-1415) e Erasmo. É mister que se registre a afirmação de Gonzales (1986, p.19)<sup>46</sup>: “Lutero não apareceu no meio de um vazio, mas foi o resultado dos “sonhos frustrados” de gerações anteriores”.

#### 1.1.1.1 João Wycliffe

Nascido por volta de 1320 ou 1330. Ao entrar em luta contra o papado em 1375, era o homem mais culto e destacado da Universidade de Oxford. Além dis-

---

<sup>43</sup> No entanto, foi ultrapassado pela Reforma, e não sobreviveu por muito tempo após o início do século XVII. DOUGLAS, In: Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, vol II. Ed. Elwell, Walter, 1990, p.347.

<sup>44</sup> Humanista e precursor da Reforma. É considerado por muitos um dos maiores teólogos da renascença (OLSON, 2001, p.370). Erasmo será objeto de nossa pesquisa neste capítulo.

<sup>45</sup> NICHOLS, R.H. História da Igreja Cristã. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985, p.130-132.

<sup>46</sup> GONZALES, Justo L. A Era dos Reformadores. Uma História Ilustrada do Cristianismo. Vol 6. São Paulo: Vida Nova, 1986.

so, conquistou a simpatia das classes pobres, pois sua primeira investida foi contra o suposto direito do papa de cobrar impostos ou taxas na Inglaterra. Depois disso, chegou a negar fundamento bíblico à doutrina da religião medieval, a transubstanciação<sup>47</sup>. Por fim, declarou que a Bíblia era a única regra de fé e prática para a Igreja, e que ela deveria ser lida pelo povo em suas respectivas línguas maternas. Wycliffe fez seguidores, os irmãos Lollardos<sup>48</sup>, que divulgaram suas idéias depois de sua morte. (NICHOLS, 1985, p.135).

Wycliffe questionou o fundamento da Igreja medieval, que trazia para si a prerrogativa de ser o caminho para a salvação. Também atacou a riqueza do alto clero. Ele defendia que a Igreja devesse retornar à pureza espiritual, à simplicidade e pobreza material, como foi a Igreja primitiva, pois, segundo ele, a hierarquia da Igreja era complexa, desnecessária e errônea. (PERRY, 1999, p.206). Como todos os precursores da Reforma Protestante foram taxados de hereges por questionarem a função e autoridade de toda a hierarquia da Igreja, Wycliffe foi considerado um dos principais (PERRY, 1999, p.205).

Wycliffe foi ousado contra a Santa Sé. Ele chamou o papa de tirânico, principesco e anticristão, usando a expressão "diabos do inferno" (PERRY, 1999, p.205). Sua doutrina de desapropriação da Igreja agradava os nobres que esperavam se apoderar das propriedades da Igreja Romana, por isso o protegeram. Desgostoso e insatisfeito com o Cativo e o Cisma, começou a se opor aos dogmas da Igreja com suas idéias revolucionárias. Atacou a autoridade do papa em 1382, pregando que Cristo era o chefe da Igreja e não o papa. Traduziu e colocou a Bíblia nas mãos do povo em sua própria língua (CAIRNS, 1988, p.205).

Seus ensinamentos de igualdade na Igreja foram aplicados à vida econômica pelos camponeses, que se levantaram na Revolta dos Camponeses de 1381. Os Estudantes boêmios que estudavam na Inglaterra levaram suas idéias para a Boêmia, desta forma lançando as bases para os ensinamentos de João Huss (CAIRNS, 1988, p.205).

Wycliff foi apoiado pela família real até 1381, quando se mostrou simpático à Revolta dos Camponeses. Depois disto ele se dedicou a escrever seus livros e

---

<sup>47</sup> Dogma católico sobre a natureza dos sacramentos. A Igreja Romana dizia que a substância ou essência dos elementos da comunhão (pão e vinho) transformavam-se em real carne e sangue de Cristo, ainda que sua forma externa permanecesse a mesma (CAIRNS, 1988, p.205).

<sup>48</sup> Ordem de sacerdotes pobres que propagavam os ensinamentos de Wycliffe. Foram perseguidos e condenados à morte pela fogueira (PERRY, 1999, p.206). Cf. Cairns, 1988, p.205.

organizando os *lollardos*. Foi condenado como herege e oficialmente excomulgado pelo Concílio de Constança em 1415. Seus restos mortais foram exumados, queimados e lançados no rio Swift em 1428 (OLSON, 2001, p.367). Para os protestantes, o principal legado de Wycliff foi sua defesa sobre a autoridade das Escrituras em detrimento da tradição (OLSON, 2001, p.369), o que mais tarde trazer vai estabelecer um novo eixo hermenêutico na teologia reformada<sup>49</sup>. Daí a máxima *sola scriptura*<sup>50</sup>, só a Escritura.

#### 1.1.1.2 John Huss (1373-1415)<sup>51</sup>

O casamento do rei da Inglaterra com Ana da Boêmia<sup>52</sup>, trouxe para Inglaterra muitos estudantes desta região, que ao retornarem para boêmia, levaram as idéias de Wycliffe com eles. Huss leu e adotou as idéias de Wycliffe, propondo reformar a Igreja romana da Boêmia em modo semelhante ao proposto por Wycliffe (CAIRNS, 1988, p.206).

Ele defendeu que a Bíblia fosse traduzida no vernáculo do povo, tornando-se acessível a todos. Censurou o luxo e a imoralidade da Igreja (PERRY, 1999 205). Suas idéias provocaram a ira e inimizade dos papas, que logo o convocaram para comparecer ao Concílio de Constança. Mesmo indo com um salvo-conduto do imperador, suas idéias foram condenadas, e como ele não retratou-se delas foi queimado na fogueira por ordem daquele concílio (CAIRNS, 1988, p.206).

---

<sup>49</sup> A Reforma foi em muitos sentidos, um movimento hermenêutico. Na Reforma deu-se uma mudança no quadro de referência. O eixo hermenêutico desloca-se da tradição da Igreja para a compreensão pessoal da Bíblia. Isto vai ser um ponto fundamental e norteador da teologia de Calvino. Conforme acentua Popkin, Lutero inicialmente confrontou a Igreja dentro da perspectiva da própria tradição da Igreja, somente mais tarde é que ele deu um passo crítico que foi negar a regra de fé da Igreja. Foi neste período que ele deixou de ser apenas mais um reformador atacando os abusos e a corrupção de uma burocracia decadente, e se tornou o líder de uma revolta intelectual que abalou a civilização ocidental. POPKIN, Richard H. História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p.26. Assim afirma Cairns: "a causa teológica da Reforma foi o desejo dos Reformadores de voltar à fonte clássica da fé cristã, a Bíblia" (1998, p.229).

<sup>50</sup> "O *sola scriptura* não pretendia desprezar completamente o valor da tradição da Igreja, mas sim subordiná-la à primazia das Escrituras Sagradas. Enquanto a Igreja Romana recorria ao testemunho da igreja a fim de validar a autoridade das Escrituras canônicas, os reformadores protestantes insistiam em que a Bíblia era autolegitimadora, isto é, considerada fidedigna com base em sua própria perspicuidade, comprovada pelo testemunho íntimo do Espírito Santo" (GEORGE, Timothy. Teologia dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1994, p.312).

<sup>51</sup> Nasceu no sul da Boêmia. Estudou em Praga onde foi docente da Faculdade de Letras. KUBRICHT, P. In: Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã, vol II. Ed. Elwell, Walter, 1990, p.280,281.

<sup>52</sup> Ver WALKER, 1980, p.376. "Estudantes boêmios foram a Oxford e de lá trouxeram as doutrinas e escritos de Wycliff, mormente para a Universidade de Praga"

Mesmo tendo sua vida destruída, suas idéias e influências permaneceram. Ele fez discípulos e seguidores que deram seqüência aos seus ensinamentos. Seu exemplo e ensinamentos foram uma inspiração para Lutero (CAIRNS, 1988, p. 206, 207).

Por volta de 1407, Huss desenvolveu tanta afinidade com o ideal reformador que sua ala evangélica ameaçava tanto a teologia da Boêmia como também balançava o *status quo* étnico, porque desafiava o poderio que os alemães detinham na Igreja Católica boêmica. Huss não foi somente um líder<sup>53</sup> espiritual como também se tornou ponto-central de inspiração nacional dos séculos posteriores à sua morte<sup>54</sup>.

### 1.1.1.3 Erasmo (1469-1517)

Vasta é a literatura sobre a vida e obra deste pensador. Seu pensamento e contribuição é de uma grande envergadura, cujo valor e contribuição são incomensuráveis. Apresentá-lo, neste trabalho, de forma sucinta, é uma missão praticamente impossível. No entanto, no afã de atingir o objetivo deste capítulo, que é oferecer uma contextualização histórica sobre o eixo da Reforma, há de se cometer esta injustiça.

Durant dedica um capítulo inteiro de seu livro ao humanista Erasmo, chamando-o de *Erasmo, o precursor*. O considera, comum na literatura histórica, como o maior dos humanistas<sup>55</sup> que nasceu em Rotterdam e proximidades no período de 1466 a 1469. Ele teve uma educação moldada pelos *irmãos da vida comum*, cuja piedade e disciplina eram rigorosas. Ali adquiriu o domínio do latim e das literaturas latinas. Em 1492 foi ordenado sacerdote. Após isto aprendeu o grego, o que lhe coloca em intimidade com a literatura grega. Com 22 anos conheceu Thomas More<sup>56</sup> (1478-1535). Foi influenciado profundamente pelo

---

<sup>53</sup> "O grande propagador do wyclifismo boêmio veio a ser João Huss, em que todas as aspirações thecas também encontraram ardente defensor. Foi esta combinação de zelo religioso e patriótico que deu a Huss seu notável poder de liderança" (WALKER, W. 1980, p.376).

<sup>54</sup> KUBRICHT, 1990, p.281.

<sup>55</sup> "O mais prestigioso dos humanistas e o mais representativo dos humanistas cristãos (...)" BÉRENGER, 1996, p. 253; "a Erasmo deve-se creditar a transformação do humanismo renascentista num movimento internacional" (PERRY, 1999, p.228) ;

<sup>56</sup> Humanista e jurista inglês, foi chanceler do reino da Inglaterra. Foi decapitado por ordens do Rei Henrique VIII por não reconhecer o rei como chefe supremo da Igreja. Sua obra *Utopia* (1516) idealiza um Estado imaginário, sem propriedade privada nem dinheiro, no entanto, preocupado com a felicidade coletiva e a organização da produção. Seu fundamento é religioso, porém seu modelo está nos filósofos gregos. More lançou as bases do socialismo econômico. (Palavra introdutória de Paulo Neves, tradutor da obra *A Utopia*. São Paulo: L&PM Pocket, 1997).



humanismo, transformando-se em um letrado ardoroso e aplicado. Ao deixar a Inglaterra em janeiro de 1500 tomou a decisão de estudar e publicar o texto grego do Novo Testamento, com o objetivo de destilar o cristianismo puro, que tanto na opinião dos reformadores, quanto dos humanistas, havia sido superado e encoberto no decorrer dos séculos (1957, p.229-230).

Suas críticas ao "*status quo*" religioso de sua época fizeram com que, sua principal obra, *Elogio da Loucura*, desempenhasse um importante papel na eclosão da Reforma Protestante. As críticas dos reformadores, especialmente as de Martinho Lutero, estavam expressas claramente nas páginas do livro de maneira clara<sup>57</sup>. Essa identidade levou-os a se aproximarem. O convite de Lutero para compor o movimento foi recusado por Erasmo, que discordava de algumas concepções básicas do pai da Reforma, entre elas a do pecado original e a forma como entendia o livre-arbítrio. Erasmo acreditava totalmente na capacidade e nas possibilidades da Razão humana em distinguir o bem do mal, o certo do errado. Entendia que o livre-arbítrio de cada um seria a fonte de todo pensamento religioso e moral. Lutero, por sua vez, defendia que o Homem estava condenado pelo pecado original à miserabilidade, à condenação e à degradação, somente podendo ser salvo pela graça divina. Para ele, a salvação dos seres somente poderia ser atingida pela fé e pela espera da bondade de Deus. Esse ponto, que claramente distinguia o pensamento Humanista das correntes filosóficas anteriores, acabou por afastar Erasmo da Reforma Protestante<sup>58</sup>. O próprio Lutero, acabou vendo em Erasmo o seu maior adversário (BÉRENGER, 1996, p.254). Ainda assim, Erasmo apoiava Lutero secretamente, mas se recusava a tomar partido dele ou de sua Reforma (OLSON, 2001, p.373).

Mesmo que Erasmo não fosse protestante, em nenhum sentido do termo, muito fez para estabelecer as bases da Reforma. Uma de suas maiores contribuições foi a tese, revolucionária e altamente atrativa para a época, de que a Igreja poderia ser reformada através de um retorno ao clássico da fé cristã, a Bíblia. Para Erasmo, a fé cristã não era uma mera observância de preceitos morais ou um código de moral. Sua ênfase humanista renascentista<sup>59</sup> levou-o a sugerir que a leitu-

---

<sup>57</sup> OLSON, 2001, p.372.

<sup>58</sup> Cf. MCGRATH, 2005, pg 83-88; OLSON, 2001, p. 370; DURANT, 1957, p.230ss

ra das Escrituras transformaria seus leitores, motivando-os ao amor a Deus e ao próximo (McGRATH, 2005, p.83). Na afirmação de Olson, Erasmo foi um livre pensador. Ele não se deixava prender por nada. Seus ensinamentos e sua influência contribuíram para que as reformas fossem levadas a efeito, tanto a católica quanto a protestante (2001, p.370).

### 3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIELER, André. O Pensamento econômico e social de Calvino. São Paulo: CEP, 1990.

BÉRENGER, Jean; CONTAMINE, Philippe; DURAND, Yves e RAPP, Francis. A Europa desde o início do século XVI ao final do século XVIII. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

CAIRNS. O Cristianismo através dos Séculos. Uma História da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1988.

COMPARATO, Fábio Konder. Ética: Direito, Moral e Religião no mundo moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 716p.

DELUMEAU, Jean Delumeau. História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

DURANT, Will. A História da Civilização VI. A Reforma. História da Civilização Européia de Wyclif a Calvino: 1300-1564. Tradução de Mamede de Souza Freitas. Rio de Janeiro: Record, 1957.

ELWELL, Walter A (ed). Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã. Vol I, II e III. Ed.. São Paulo: Vida Nova, 1990.

GEORGE, Timothy. Teologia dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1994

GONZALES, Justo L. A Era dos Reformadores. Uma história Ilustrada dos Cristianismo. Vol. 6. São Paulo: Vida Nova, 1986

HOOYKAAS, Robert. A Religião e o desenvolvimento da Ciência Moderna. Brasília: UnB/Polis, 1988.

HORTON, Michel. Religião de Poder, São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 1998

HUIZINGA, Johan. O Declínio da Idade Média. São Paulo: Verbo/EDUSP, 1978.

McGRATH, Alister E. Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica. São Paulo: Shedd, 2005.

\_\_\_\_\_ The Intellectual Origins of The European Reformation. Cambridge: Massachusetts, Blackwell Publishers, 1993

MARTIN, Seymour. Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade. A História do pensamento dos tempos antigos à atualidade, 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

MONDIN, Battista. Curso de Filosofia. São Paulo: Paulinas, 1981, vol II.

NICHOLS, R.H. História da Igreja Cristã. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985

MORINEAU, Michel. O século XVI – 1492-1610. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980.

OLSON, Roger. História da Teologia Cristã. 2000 anos de Tradição e Reformas. São Paulo: Vida, 2001.

PERRY, Marvin. Civilização Ocidental. Uma História Concisa. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

POPKIN, Richard H. História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000

TILLICH, Paul. A História Do Pensamento Cristão. São Paulo: ASTE, 2000

WALKER, W. História da Igreja Cristã. Vol I e II. São Paulo: Aste, 1980

Recebido em 23 de janeiro de 2017

Aprovado em 15 de junho de 2017